

BETTER

COLISÃO

TRADUÇÃO
ANA MARIA PINTO DA SILVA

 Planeta

*Escrevo sobre um amor equivocado. Sobre uma dor
que não passa. Que nos muda para sempre.
Escrevo sobre um amor que nos preenche e nos esvazia.
Sobre um amor que, mesmo nas adversidades,
nos permite compreender o que merecemos de verdade.
Cada um de nós tem contas a acertar com
as feridas da própria alma. Eu consegui
curar as minhas assim: escrevendo sobre elas.
Caros leitores, a nossa viagem recomeça a partir daqui...*

Prólogo

Cresci numa família comum.

O meu pai era um trabalhador honesto. A minha mãe uma dona de casa insatisfeita.

Eu... a bem da verdade, nunca soube definir muito bem como me sentia.

Na maior parte do tempo, tinha a nítida sensação de que a vida me fluía diante dos olhos, mas estava demasiado ocupada a observá-la para poder vivê-la.

Refugiava-me no meio de páginas repletas de tinta, sonhando de olhos abertos com o amor.

Banal, eu sei, mas «banal» é o meu segundo nome.

Passava dias inteiros a ler, perguntando-me *quando* chegaria o meu momento e *como* seria.

Imaginava-o delicado como uma sinfonia.

Leve como o bater das asas de uma borboleta.

Suave como uma pluma que ondula ao sabor do vento.

Imaginava-o assim: puro, simples, romântico.

Porque, no fundo, é assim que deveria ser.

No entanto, estava enganada.

Para mim, o amor nunca foi nada disto.

Desde o primeiro momento em que me tocou, foi a melodia desafinada de uma guitarra elétrica. A impetuosidade de um furacão.

A perdição de uma alma em rota de colisão.

Porque a verdade é que nenhum livro me tinha preparado para isto.

Porque, quando conhecemos alguém pela primeira vez, não o sabemos...

Não sabemos que impacto terá na nossa vida.

Carrie Leighton

Não sabemos que tipo de poder vai exercer sobre nós.
Não sabemos que mudará *cada* partícula do nosso corpo.
E que, depois dele, nunca mais voltaremos a ser a mesma pessoa.

Primeira parte

Capítulo 1

No outono, Corvallis possui um fascínio especial. Com as suas casinhas, os parques e os bosques frondosos que a circundam, assemelha-se a uma dessas paisagens encantadas encerradas numa bola de vidro que colecionava quando era criança. A chegada dos primeiros temporais torna tudo ainda mais mágico. Tal como agora, com a chuva batendo impetuosa no asfalto, o restolhar das folhas agitadas pelo vento e o odor das ruas molhadas. Não existe melhor despertar no mundo, para mim.

A paz dura pouco, contudo, porque o som insistente do despertador recorda-me que hoje tem início o meu segundo ano na Universidade Estadual de Oregon. Escusado será dizer que me apetecia enroscar-me mais um pouco debaixo do edredão mas, depois de ignorar o despertador pela terceira vez, *Breed* dos Nirvana começa a tocar no máximo volume e corro o risco de quase sofrer um enfarte. Estico um braço na direção da mesinha de cabeceira ao meu lado e procuro às apalpadelas o telemóvel, ao mesmo tempo que a voz de Kurt Cobain enche todo o quarto. Quando o agarro por fim, desligo o despertador, retiro a máscara de dormir em forma de rã e esforço-me por abrir os olhos.

Com o telefone bem seguro nas mãos cedo ao impulso de verificar se tenho mensagens ou ligações da parte de Travis. *Nada*. Já deveria estar habituada, mas fico desiludida na mesma. Com ele é sempre assim: depois de cada discussão desaparece de circulação durante dias inteiros, demonstrando cada vez mais o pouco que lhe interessa salvar a nossa relação, já nas últimas.

É possível uma pessoa sentir-se esgotada antes mesmo de começar o dia?

Com relutância, levanto-me da cama e enfio as pantufas felpudas em forma de unicórnio.

Apanho o cabelo despenteado num carrapito fofo, visto o roupão de felpa, inebriando-me com o perfume de roupa acabada de lavar, e dirijo-me à janela que se encontra à frente da cama. Abro a cortina, encosto a testa ao vidro frio e deixo vagar o olhar pela alameda do jardim molhado da chuva.

Travis parte do princípio de que serei eu a dar o primeiro passo de modo a pôr fim ao silêncio. Só que desta vez não faço tenção de satisfazer os seus caprichos, não depois daquilo que ele fez. Ver numa história do Instagram o próprio namorado, podre de bêbado, a dançar e a esfregar-se no balcão de um bar com duas perfeitas desconhecidas, enquanto eu estava sozinha em casa, de cama com gripe, é uma dor que não desejo a ninguém. Quando lhe telefonei zangada, em busca de uma explicação, despachou-me com o seu habitual «Vanessa, estás a exagerar» e achou por bem desligar e não dar mais notícias. Passei o fim de semana em casa deprimida, a beber infusões de gengibre para curar as dores de garganta, a ler e a pôr os livros e os cadernos em ordem prontos para o primeiro dia de aulas na faculdade. Mas nem mesmo as chamadas pelo FaceTime com Tiffany e Alex, os meus dois melhores amigos, foram capazes de apagar da minha mente aquele vídeo e a humilhação causada pela enésima falta de respeito de Travis por mim.

Esta situação tornou-se tão desgastante que nem sequer tenho forças para chorar. O que é estranho, porque desde que me entendo por gente que a única coisa que sou capaz de fazer em casos de emoções extremas é chorar. Num ímpeto de frustração atiro o telefone para cima da cama, esfrego a cara com as mãos e forço-me a pensar noutra coisa, porque a alternativa provoca-me dores de cabeça. É melhor começar a arranjar-me, pois o dia promete ser longo.

Depois de um duche rápido, volto para o quarto a fim de me vestir e, armando-me em parva, dou outra olhadela ao telemóvel. Contudo, uma vez mais: nenhuma ligação e nenhuma mensagem. Uma vontade insana de lhe telefonar só para o encher de insultos começa a crescer dentro de mim.

– Nessy, estás acordada? – A voz estridente da minha mãe resgatou-me a esses pensamentos, junto com o aroma a café quente que se propaga por toda a casa. É um pouco como estar a meio caminho entre o inferno e o paraíso.

– Sim, estou acordada – respondo num fio de voz, levando uma mão à garganta dorida. A gripe dos últimos dias deixou-me de rastos.

– Desce, o pequeno-almoço está pronto.

Deixo escapar um enorme suspiro e, ainda envolta no roupão de banho e com o cabelo molhado, chego ao piso térreo na esperança de ser capaz de

disfarçar o mau humor. A última coisa de que preciso é de aguentar uma das infinitas arengas da minha mãe em que me repete para não deixar fugir o meu namorado, porque é de boas famílias. Pouco importam os seus erros e o meu sofrimento: o amor que a minha mãe nutre pelo património da família do Travis é maior do que aquele que sente pela própria filha. Quando, há dois anos, tomou conhecimento de que namorava com o herdeiro de um abastado barão do petróleo, para ela foi como ter ganhado a lotaria.

Ao chegar à cozinha, vou encontrá-la já pronta para enfrentar o dia: coque louro penteado na perfeição, calças *palazzo* brancas e elegantes, blusa azul, maquilhagem impecável, em que o rímel lhe realça os olhos azuis e um pouco de batom vermelho nos lábios finos. A sua classe inata consegue sempre minar a minha já baixa autoestima.

Nem sequer tenho tempo de lhe dar os bons-dias, vendo-me de imediato atropelada por uma avalanche de informações não solicitadas.

– Deixei-te no móvel da entrada umas quantas contas para pagar e dinheiro, seria ótimo se pudesses pagá-las até ao final do dia. – Frenética, chega ao pé da máquina do café. Enche duas chávenas sem parar de me dar instruções sobre as tarefas do dia. – Tens de ir buscar a roupa à lavandaria e comprar o jantar para esta noite, e oh, antes que me esqueça – diz, estendendo um braço a fim de me dar uma chávena. Confiando no efeito revigorante do café, continuo a ouvi-la tagarelar. – A senhora Williams pediu-me para tomar conta do seu chihuahua, porque hoje vai estar fora da cidade. Disse-lhe que ficarias encantada em encarregar-te tu mesma dessa incumbência.

Todas essas instruções logo de manhã cedo deixam-me ainda mais nervosa do que já estava.

– Há mais alguma coisa que gostarias que eu fizesse, mamã? Sei lá eu, cortar a relva do jardim, consertar as vedações do bairro e por que não, quiçá organizar também um *brunch* para o presidente. – Olho para ela de soslaio, pouso o telemóvel ao lado do lava-louça e ocupo o meu lugar à mesa.

– Sabes bem que a senhora Williams não tem mais ninguém em quem confiar, não podia dizer-lhe que não, imagina a ideia que faria de nós. – Leva a chávena de café à boca e, depois de tomar um gole, prossegue: – E depois julguei que ficarias feliz em tomar conta desse bichinho, já que adoras animais.

– Sim, mas isso não significa que tenha tempo ou vontade para fazer tal coisa.

– Eu também não tenho – retruca ela com indiferença. – Quando aceitei o cargo de secretária num escritório de advogados não fazia ideia de que me

iria sugar até à alma, mas alguém aqui tem de ganhar dinheiro para pôr pão na mesa.

Olho para ela sentindo-me de súbito mortificada. Sei muito bem que, desde que o meu pai nos abandonou há três anos, foi a minha mãe que tomou a seu cargo todas as despesas. Admiro-a imenso por isso, mas esquece-se de que também eu tenho uma vida e de que não posso vivê-la em função da dela.

– Tens razão, desculpa. – Ponho-me de pé disposta a ir buscar à despensa um pacote de cereais *Coco Pops* e verto-o dentro de uma tigela vazia. – Cuidar do cãozinho da senhora Williams não constituirá problema algum, posso levá-lo para dar um passeio antes de ir para a faculdade e depois quando regressar. Em relação ao resto, não te preocupes, eu encarrego-me de tudo – asseguro-lhe em tom conciliador.

– Assim é que se fala. – Pousa-me uma mão no ombro e com os dedos, de unhas bem tratadas e pintadas de cor-de-rosa pálido, ajeita-me algumas madeixas de cabelo. – E, por favor, pelo menos no primeiro dia de aulas na faculdade procura apresentar-te com umas roupas mais bonitas.

Bebe o último gole do café e despede-se de mim sem mais cerimónias, prometendo-me que nos veríamos ao jantar. Fico na cozinha a terminar de tomar o pequeno-almoço. Deito o leite frio na tigela dos cereais e volto a sentar-me à mesa. Pouco depois o telemóvel pousado em cima do lava-louça ilumina-se, avisando-me da chegada de uma nova mensagem. Com a colher cheia de *Coco Pops* no ar, precipito-me como uma idiota para ver de quem é, tropeçando no tapete da cozinha com um cereal colado ao lábio.

Sou tão patética que merecia cair de cara no chão, e se calhar uma bela pancada e um galo na cabeça são exatamente aquilo de que estou a precisar.

Quando compreendo que o remetente é Tiffany, a minha melhor amiga e também irmã gémea do meu namorado, mergulho uma vez mais na desilusão.

Estava com muitas esperanças de ler o nome do Travis no ecrã, mas como é evidente é muito mais provável que desabe antes o fim do mundo.

«Bom-dia, marrona, hoje a tua vida volta a ter um sentido.»

«Não preguei olho a noite toda por conta da euforia», respondo irónica à sua mensagem.

«Não duvido. Escuta, tenho uma proposta para te fazer: esta noite começam os treinos, vamos juntas?»

Franzo a testa e releio a mensagem mais vezes, certa de ter percebido mal. Desde quando é que a Tiffany se interessa por desporto? A Tiffany só liga

às últimas tendências no que diz respeito à moda e à maquilhagem, à hora marcada na esteticista às terças-feiras ou ao seu adorado *podcast* sobre crimes reais. Contudo, nunca perderia o seu tempo assistindo a uns estúpidos treinos de basquete.

Demoro poucos segundos a perceber que não é a Tiffany quem quer saber se eu lá estarei, mas sim o Travis, numa mísera tentativa de extorquir informações por intermédio da irmã. Que grandessíssimo cobarde!

Primeiro desaparece durante dois dias, deixando-me mergulhada na mais absoluta autocomiseração, sem sequer se esforçar para arranjar uma qualquer desculpa ridícula, que eu engoliria com a toda a probabilidade, ou faria de conta que engolia. E depois aproveita-se da minha melhor amiga.

Irritada, respondo à mensagem: «Podes dizer ao teu irmão que se quiser saber alguma coisa, terá de fazer um esforço e perguntar-mo na cara.»

A resposta chega de imediato: «Foi ele que me obrigou a fazê-lo, não tenho nada a ver com isso. Sabes bem que estou do teu lado. Passo por tua casa para te ir buscar e vamos juntas para a faculdade. Vê se estás pronta às oito, *love you*.»

Tal como eu imaginava, era mesmo obra dele. Que raiva! Atiro o telemóvel para cima da mesa; fez-me perder o apetite. Lavo a chávena de café e a tigela dos cereais e volto para o quarto. Abro o roupeiro e, apenas por um instante, pondero na ideia de fazer a vontade à minha mãe e vestir alguma coisa mais bonita do que os habituais *jeans* e o monótono moletão de uma só cor. Experimento uma camisola branca justa ao corpo, com o decote debruado a renda. É bonita, mas ao ver-me ao espelho reparo que acentua em demasia os meus seios generosos. Assim, vou acabar por fazer com que todos os olhares recaiam sobre mim, o que é na realidade o que pretendo evitar.

Dobro a camisola com todo o cuidado e coloco-a no roupeiro e por fim decido que o meu visual «anónimo» do costume não é assim tão mau. Visto uns *jeans* escuros, justos e de cintura subida, e um moletão branco que me cobre o traseiro: assim está muito melhor. Depois de ter secado o cabelo e de o ter apanhado num rabo-de-cavalo alto numa tentativa de domesticar o efeito crespo, pego na mochila e meto lá dentro *Sensibilidade e Bom Senso*, um dos meus livros preferidos: lê-lo nos intervalos entre uma aula e outra irá ajudar-me a distrair-me.

Antes de sair de casa, porém, vejo-me ao espelho e arrependo-me na mesma hora. A imagem que vejo refletida não me agrada: estou pálida, dois papos violáceos sobrecarregam-me os olhos cinzentos e algo avermelhados,

Carrie Leighton

e o cabelo de azeviche implora por clemência. Solto-o e ajeito-o com as mãos, mas a situação não melhora em nada. Desisto e, munida de um guarda-chuva, saio de casa antes de enlouquecer.